

Política global de hepatite viral

Resumo executivo

A hepatite viral crônica é uma doença de alta prevalência no mundo inteiro. Estima-se que haja cerca de 500 milhões de pessoas infectadas com hepatite B ou C, duas doenças que são grandes causadoras de morbidade e mortalidade no mundo. Todos os anos, a hepatite e suas sequelas (lesões hepáticas e câncer primário do fígado) matam cerca de um milhão de pessoas.

Este relatório apresenta, pela primeira vez, uma análise e uma visão geral das políticas e programas de prevenção e controle da hepatite viral implementados em diversos países. Os dados foram coletados em uma pesquisa junto aos ministérios da saúde dos Estados Membros da OMS, que descrevem o trabalho já realizado, as áreas que precisam de novas ações ou em que as autoridades necessitam de ajuda.

O estudo corroborou um fato confirmado: a importância atribuída à hepatite viral vem crescendo nas agendas de autoridades de saúde de diversos países. Dos 135 países que responderam à pesquisa, 80% afirmaram que consideram as hepatites B ou C um problema de saúde pública urgente. No Pacífico Ocidental e no Mediterrâneo Oriental, o número foi 90%; na África, foi quase 100%. Em geral, os resultados demonstram que, embora em algumas regiões haja políticas e programas muito eficazes, a cobertura ainda é irregular. Em várias partes do mundo, as políticas ainda não foram implementadas ou precisam de reforço significativo.

Programas de prevenção e controle da hepatite são multifacetados: podem envolver vacinação, exames de sangue, segurança de injeções, educação e conscientização em saúde pública, programas de educação sexual, rastreamento, serviços de álcool e drogas, testagem de hemoderivados e acesso ao tratamento; portanto, o planejamento estratégico e a coordenação são essenciais. Setenta por cento dos países pesquisados afirmaram ter estratégias de prevenção e controle da hepatite viral, sendo que 71% deles definiram metas nacionais. No entanto, as descrições dessas iniciativas mostraram claramente que algumas estratégias consistem em uma série de programas descoordenados entre si em vez de uma abordagem estratégica coesa. A maioria dos países que têm metas e alguns países que ainda não as têm querem ajudar a OMS a desenvolvê-las. Isto sugere que as metas existentes são insuficientes para abordar o problema de forma apropriada.

Vem havendo grandes progressos na proteção da nova geração contra hepatite B: quase todos os países implementaram políticas de vacinação, a maioria das quais preconiza a vacinação de crianças. No entanto, muitos grupos de risco ainda não são cobertos, sobretudo em países de baixa renda. Quarenta por cento dos países gostariam de receber auxílio para iniciativas de vacinação. Este dado indica que é necessário estender e fortalecer as políticas e programas de vacinação.

A falta de dados precisos sobre hepatite é amplamente considerada um obstáculo à criação de programas mais eficazes de prevenção e controles, tanto internacionalmente como em países específicos. Oitenta e dois por cento dos países afirmaram ter implementado políticas de rastreamento das hepatites B e C, embora haja grande variabilidade entre estas iniciativas. Um terço dos países declarou que não tem dados de prevalência disponíveis e mais de dois terços solicitaram ajuda com o rastreamento.

O acesso a exames e tratamento é muito variável e, em algumas regiões, extremamente limitado. Apenas duas em cada cinco pessoas vivem em países onde o teste está disponível para mais de metade da população e apenas 4% dos países de baixa renda responderam que o teste é acessível. Mais da metade da população mundial vive em países em que não há testagem gratuita disponível e 41% mora em países em que o governo não financia o tratamento das hepatites B ou C. Quatro em cada cinco países de baixa renda e quase um em cada três países de alta renda gostariam de receber auxílio para aumentar o acesso ao tratamento.

Além do acesso aos testes, melhorar o diagnóstico requer que as pessoas que podem ter sido expostas às hepatites B e C conheçam os riscos e vias de transmissão. A informação também é essencial para a prevenção. No

entanto, ainda há poucas iniciativas governamentais de conscientização junto ao público. Muitos exemplos inovadores mostraram que a conscientização é muito eficaz em melhorar a prevenção e o controle das hepatites virais, e cerca de dois terços dos governos afirmaram que gostariam de receber auxílio no futuro para atividades voltadas a melhorar a conscientização, inclusive a maioria dos governos que já realizaram atividades deste tipo.

Como as atividades de prevenção e controle envolvem diversos elementos, uma organização eficaz pode tornar-se muito complexa. A complexidade cria dificuldades, mas também oferece oportunidades de integrar a hepatite viral em programas existentes e de introduzir novas políticas capazes de influenciar positivamente outros problemas de saúde pública, como HIV/AIDS e uso de drogas intravenosas, fortalecendo o sistema de saúde como um todo. A natureza multifacetada das atividades de prevenção e controle explica por que a maioria dos governos prefere não enfrentar apenas a hepatite, e quase 75% dos países pesquisados afirmaram que cooperam com organizações não-estatais. Dos 60 governos que deram informações sobre este tipo de cooperação, 44 disseram que trabalham junto à OMS e mais de 9 em cada 10 gostariam de receber mais auxílio. Isto mostra a importância dos conhecimentos técnicos da OMS para gerar uma resposta global e eficaz à hepatite viral.

Este relatório mostra claramente as disparidades existentes hoje no mundo e, em consequência, que ainda há muito a fazer para começar a abordar a hepatite viral de forma globalmente coordenada. No entanto, os dados também mostram que muitos concordam que este processo deve ser iniciado e que há vontade política para isto.